

BRASIL-FRANÇA NUM ROMANCE FRANCÊS DE 1839

Vítor Ramos

O surto de interêsse pelo Brasil, que acompanhou em França a proclamação e a consolidação da Independência, é visível no aumento de publicações sôbre êsse país que ali se verificou a partir dêstes acontecimentos. Basta percorrer os trabalhos, que refletem uma paciência beneditina, de J.C. Rodrigues, de Garraux ou de Borba de Moraes, para avaliar de que forma a História, a Geografia, a Fauna, e a Flora brasileiras passaram a ser na altura objeto da curiosidade francesa. Como não poderia deixar de ser numa Literatura tradicionalmente voltada para o exótico e o diferente, esta presença reflete-se também na poesia e no romance franceses e o seu rastear tem sido devidamente feito. Na verdade, os temas, paisagens e gente do Brasil que figuram na Literatura francesa, sobretudo do século XIX, têm sido exaustivamente assinalados e estudados. Julgamos portanto de interêsse trazer ao conhecimento público um pequeno romance francês do segundo quartel dêsse século, que se passa no Brasil e que, entretanto, é praticamente desconhecido, não figurando nas Bibliografias de Garraux e de Rodrigues e sendo apenas mencionado — assim mesmo sem identificação de autor — por êsse bibliógrafo tão preciso e exato que é Rubens Borba de Moraes (1)

Trata-se de *L'Album d'Eléonore ou Brésil et France* (2), da autoria de Eulalie B ***, livro publicado em Paris em 1839 por Gaume Frères. Identifiquemos primeiro a autora: a inicial B *** encobre o nome de família de Eulalie Bénéît que, em 1839, já com dois livros publicados em dois anos de atividade literária ainda achava necessário guardar o anonimato. Diretora de um colégio em Reims, Eulalie Bénéît tinha então 29 anos. A sua carreira

(1) — *Bibliographia Brasiliana* (...), Amsterdam, Rio de Janeiro, 1958, 2 vol.

(2) — *L'Album d'Eléonore ou Brésil et France*, par Mlle. Eulalie B*** Auteur de *Valentine* et de *Cécile*. A Paris (chez Gaume Frères, Libraires), 1839, in-18, 192 p.

literária é abundante e longa (3) escalonando-se por perto de 40 anos. Digá-se desde já que *L'Album d'Eléonore* é uma obra menor classificada na *Bibliographia* de Borba de Moraes como “a book for children” Como adiante se poderá verificar, esta classificação não é adequada, pois não reflete o conteúdo do livro. Na verdade, Eulalie Bénoit produzia sobretudo obras edificantes, não apenas no sentido predominantemente religioso que o adjetivo costuma comportar, mas no sentido ético. Educadora, ela usava a literatura de ficção para expor e tentar resolver os problemas de ordem moral com que deparava na sua atividade pedagógica. A própria coleção onde publicou boa parte dos seus romances, indica no título (*Bibliothèque Instructive et Amusante*) os propósitos morigeradores que a animavam. Seria pois mais apropriado considerar que êste romance se inscreve naquilo a que hoje chamariamos *littérature à l'eau de rose*, esse gênero profusamente cultivado pelas Delly et du Veuzit e que constituía até recentemente o forte da leitura da adolescência feminina.

O ambiente brasileiro utilizado em *L'Album d'Eléonore* parece servir apenas para atrair, pelo *dépaysement*, o leitor que se pretende moralizar. Entretanto, a escolha de uma atmosfera carioca para enquadrar a reforma ética que a autora se propõe, reflete indubitavelmente a curiosidade que o Brasil despertava em França na época. A ação do romance decorre, na maior parte do tempo, no Rio de Janeiro. De início, uma senhora, bela e jovem, cujo marido é Ministro Plenipotenciário do Brasil, na França, chega uma tarde a casa da Duquesa de *** e encontra a filha mais velha desta, que tem 14 anos, chorando porque sua mãe a castigara, devido a um pecado que amiúde cometia: deixar-se arrastar pela cólera. A esposa do Embaixador, para lhe mostrar que a cólera se pode dominar, promete lhe um manuscrito, contando uma história em que uma jovem, em situação idêntica, o conseguiu. A leitura dêsse manuscrito é propriamente o corpo do romance. A narradora ganha de presente um album, comprado no Rio de Janeiro, na rua do Ouvidor, com folhas douradas e encadernação de marroquim. Quem o

(3) — Além de *L'Album d'Eléonore* publicou: *Valentine, ou l'Ascendant de la Vertu*, Paris, 1837 (reeditado em 1853, 1857, 1859, 1862, 1869); *Cécile, la jeune organiste*, Paris, 1838 (reeditado em 1854, 1855, 1856); *Le fils de la veuve*, Paris, 1840 (reeditado em 1854, 1860, 1863) e com o título *Paul et Jean Baptiste ou le dévouement maternel* reeditado em 1869, 1878, 1880, 1882, 1885; *La tante Marguerite ou six mois en Normandie*, Paris, 1841; *Curiosités des trois règnes de la Nature*, Paris, Limoges, 1846 com várias reimpressões; *Victorin de Feltro ou l'Education en Italie à l'époque de la Renaissance*, Paris, 1853; *Le Père François, ou l'école des bons serviteurs*, Paris, 1859; *Les visites de Madame Marguerite*, Paris, 1860; *Vie de Saint-Jean de Kanti*, Paris, 1862; *La Casa Gioiosa*, Paris, 1872; *Françoise ou la vocation d'une chrétienne*, Paris, 1874.

preencherá? pergunta a jovem. “Je suis encore très jeune pour que les illustres étrangers, qui rendent visite à notre ville, daignent y jeter leurs nobles et poétiques pensées, ou pour que, d’un crayon habile, ils y retracent quelques-uns des beaux sites qui nous environnent, ainsi qu’ils font pour les élégantes de Rio de Janeiro” Resolve então, à falta de melhor, transformar o album em diário. A sua primeira utilização é datada do Rio de Janeiro, 16 de maio de 1819. Em 20 de maio escreve: “Rio de Janeiro, ma ville natale! Que j’aime ta position, si délicieusement coquette au fond de cette baie qui dépose à tes pieds les eaux de l’Océan! Que j’aime, dans le calme de la nuit, ton beau ciel bleu et tes étoiles brillantes, quand j’erre dans nos magnifiques jardins, suspendue au bras de mon père! Et que, d’un accent ému, il s’écrie: “Ah! si les Européens connaissent le charme d’une nuit au Brésil! ici, le ciel touche à nos têtes; en Europe, il est toujours bien loin derrière les nuages!” (p. 9/10).

O tema do esplendor da natureza e da noite dos trópicos é, como se vê, expresso num tom exclamatório, que afoga a caracterização, apagada e anódina, dos elementos da cidade.

Entretanto, fala-se em enviar à Europa a jovem, mas esta revolta-se, pois não quer abandonar o Rio: “Cette Europe m’effraie, depuis qu’en parlant de m’y conduire, on m’a contrainte d’y penser quelquefois. Mon attachement pour mon pays en est devenu plus profond; Rio de Janeiro et moi nous sommes inséparables. Et pourquoi m’envoyer en Europe? Parce que mon éducation sera négligée au Brésil? Et que m’importe à moi!” A família insiste na partida para a Europa, a jovem encoleriza-se e essa cólera reflete-se sobre o pessoal a seu serviço. Surge o problema da escravidão: “Mes négresses de service en ont souffert. Je ne suis cependant point sans pitié pour cette variété de l’espèce humaine” (p. 12). Este problema voltará a surgir, como elemento da estrutura do romance, noutros passos do livro. Entretanto, a jovem começa a contar a história de seu pai e seu tio, que vieram para o Brasil, fizeram fortuna e casaram com “deux jeunes soeurs, d’une famille honorable, dont l’éducation, selon la coutume du Brésil, avait été un peu négligée, mais qui étaient citées comme des modèles de douceur et de vertus”

Trata-se da segunda referência, em poucas páginas, ao problema da educação no Brasil, que a autora condena. Entretanto, a intriga prossegue: os dois irmãos tiveram filhos, um dos quais, primo da narradora, fôra enviado para França, há sete anos. A história do amor entre os dois primos começa a esboçar-se, segundo os cânones clássicos: primeiro, a repugnância entre os dois. Enquanto este problema vai amadurecendo romanescamente, encontramos no diário de Eléonore, com data de 2 de junho, um instantâneo da vida carioca: “Je viens de parcourir la rue do Ouvidor, ce rendez-vous

de la fashion brésilienne. J'ai dépensé dix piastres en bagatelles qui me plaisent aujourd'hui, mais dont je ne m'occuperai plus sans doute demain. On a parlé d'une esclave qui s'était enfuie avec un enfant qu'elle allaitait; son maître la fit chercher; après quelques jours, on la trouva morte, dans les bois de San-Salvador, tenant son enfant fortement pressé sur son sein. La faim l'avait tuée, plus promptement que la *chicote*, à laquelle elle avait voulu se soustraire. Elle était jeune et forte: c'est une perte pour son maître, qui est peu favorisé de la fortune. Dans la cour d'un marchand de parfumeries, où je faisais des emplettes, un esclave recevait des coups de rotin. Le sang ruisselait de son cuir noir, sans que sa figure trahît par le plus léger signe la douleur qu'il devait éprouver; il comptait lui-même les coups qui tombaient sur ses épaules et au dernier cri il s'écria: "C'est déjà fini!" et c'était pour braver son maître, disait-on autour de moi, qu'il se montrait si courageux. Je reconnais bien là le mauvais vouloir des esclaves!" (p. 18/19)

A reação perante o castigo do escravo surge pois como um elemento de caracterização psicológica do personagem. Este problema volta a aparecer, logo nas páginas seguintes, dentro da mesma perspectiva, quando a narradora descreve a chegada do primo de que já ouviremos falar: "Les noirs poussent des cris d'allegresse, qu'il encourage par sa familiarité et en pressant dans ses mains douces et blanches les mains rudes et noires qu'ils étendaient vers lui. "Vous n'y pensez point, mon cousin, m'écriai-je, que feriez-vous de plus à des hommes?" — Eh! que sont donc ceux-ci? — Des esclaves, il me semble! — Quel rang faites-vous tenir, ma chère cousine, dans l'échelle des êtres, à ces esclaves qui aiment, parlent et agissent comme nous? — C'est une question que je ne me suis jamais proposée, je vous assure, répondis-je dédaigneusement. — Elle est pourtant bien intéressante. Ces esclaves sont des hommes, Eléonore, qui pèseront autant que vous dans la balance de Dieu; des hommes courbés sur la verge de fer, non pas de plus forts qu'eux, mais de plus rusés, qui auront un jour un compte rigoureux à rendre de l'abaissement de leurs frères!" Mon cousin — prossegue a narradora — a rapporté d'étranges idées de l'autre continent et il les énonce d'un ton dogmatique qui ne me plaît point. Attendez cependant pour renâitre, antipathie de ma première enfance " (p. 21/22)

Temos portanto o problema da escravidão no Brasil inserido, como um elemento romanesco, dentro da intriga dos amores dos dois primos. Este elemento reaparece mais adiante, numa discussão entre a jovem e seu pai, que lhe pergunta: "N'as tu pas craint quelquefois de rendre ton service trop pénible à ces pauvres esclaves — Jamais, ne sont-ils pas faits pour obéir? — Sans doute, puisque par for-

ce ou par ruse nous les avons soumis. Mais l'inégalité des conditions s'efface devant l'arbitre souverain et, dans sa balance équitable, un esclave soumis pèse plus qu'un maître barbare" (p. 43/44).

A jovem finalmente parte para França e, no internato de Madame Palmer onde reside, em Paris, lamenta, à sua maneira, a perda da liberdade de que gozava no Brasil: "Peut-on espérer d'astreindre a cette horrible gêne une enfant du Brésil? A vous, la vie du pensionnat! à moi, des négresses pour me créer des amusements quand je l'ordonne, pour rafraîchir l'air quand il m'arrive trop brûlant! pour lire ma volonté dans un de mes regards! à moi, les jardins délicieux, les forêts séculaires! à moi, la brise de la mer! le Brésil, enfin! avec ma liberté!" (p. 68/69). As suas amigas no internato têm nomes exóticos e que podem passar por brasileiros: Zulema e Lilia. Em Paris, o regime educacional rígido acaba por dominar a espontaneidade da jovem Eléonore. Quando volta ao Brasil, já modificada, é esperada no porto do Rio pelo primo e pelos escravos, que ela já chama "serviteurs", "avec crainte et embarras" (p. 170) Termina aqui o diário.

A menina que víramos no início, colérica, lamenta que o livro-diário tenha acabado e diz que gostaria de saber o que aconteceu depois à heroína do album. Então, a mulher do Embaixador oferece-se para continuar a história: Eléonore, de regresso ao Brasil, funda uma escola para filhos de escravos, onde "les châtiments corporels furent sévèrement interdits" A narração é interrompida aqui: chega o Embaixador e revela-se então o que o leitor atento já adivinhara há muito tempo: a Condessa é a jovem Eléonore e o marido, que acaba de entrar, é Georges, o jovem anti-escravagista.

A intriga deste pequeno romance, como se verifica, é extremamente primária e convencional. Alguns pontos merecem contudo ser assinalados. Em primeiro lugar, o destaque que a autora dá ao problema da escravidão, que é inscrito na estrutura do romance e apresentado como elemento auxiliar para a caracterização da psicologia de um dos personagens. Há talvez um certo farisaísmo subjacente à piedade *bien pensant* manifestada pela autora. De qualquer forma, é inegável que em 1839 o problema chocava muitas consciências européias. Por outro lado, a caracterização carioca representa um certo conhecimento da cidade, dos seus costumes, da sua vida quotidiana, onde, ao lado de alguns erros visíveis, surgem pormenores que a autora deve ter colhido na literatura descritiva, sobre o Brasil, que então surgia em França. As referências à rua do Ouvidor (nomeadamente como ponto de encontro das elegantes brasileiras) e à baía do Rio, o emprêgo da palavra portuguesa *chicote*, a superioridade com que Eulalie Benoît (que, não esqueçamos, é

do ponto de vista profissional educadora em Reims) fala, de *lèvres pincées* sobre a educação brasileira, negligenciada *selon la coutume du Brésil*, tudo isso dá uma certa verdade ao romance e justifica, segundo cremos, que o tenhamos retirado do limbo onde se encontrava. Afinal de contas, não deixa de ser curioso observar e acentuar que, ao lado do interêsse pelo indianismo, representado pelas obras de Théodore Taunay, Garay de Monglave, Edouard Corbière, Daniel Gavet e Philippe Boucher (3) é possível encontrar em 1839 a apresentação de um ambiente urbano brasileiro servindo como cenário para um pequeno romance francês.

(4) — V Antônio Cândido, *Formação da Literatura Brasileira*, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1964 (2a edição), vol. I, p. 287-292.